

	<b>Introdução</b>
P. 09 Renovação da cidade = lixo	(...), "a medida que a cidade se renova a cada dia, ela preserva totalmente a si mesma na sua única forma definitiva: o lixo de ontem empilhado sobre o lixo de anteontem e de todos os dias e anos e décadas".
P. 09 Permanência do lixo.	(...), em vez de preservarem o que afirmam amar e desejar, só conseguem tornar permanente o lixo. Só o inútil, o desorientador, repelente, venenoso e temível e resistente o bastante para permanecer ali enquanto o tempo passa.
P. 09 Moda Substituição: belo, feio, lixo.	(...) o que é a moda - substituir coisas menos adoráveis por outras mais bonitas, ou a alegria que se sente quando as coisas são jogadas num monte de lixo depois de serem despidas do glamour e do fascínio? As coisas são descartadas por sua feiúra, ou são feias por terem sido destinadas ao lixo?
P. 10 Escolhas	(...), a escolha depende de se a história é repetida com monotonia ou, ao contrário, se os pensamentos vagam soltos no espaço livre de histórias...
P. 11 Coisas mortas	(...), Klima reflete: "Não, não se trata apenas de um problema técnico. Pois o espírito das coisas mortas se ergue sobre a terra e sobre as águas, e seu hálito é o presságio do mal."
P. 11 Progresso tecnológico e econômico E seus custos à condição humana	(...) o progresso <i>tecnológico</i> oferece (...) novos meios de sobrevivência em habitats antes considerados inadequados para o povoamento, ele também corrói a capacidade de muitos habitats de sustentar as populações que antes acomodavam e alimentavam. Enquanto isso, o progresso <i>econômico</i> faz com que modos de existência efetivos se tornem inviáveis e impraticáveis, aumentando desse modo o tamanho das terras desertas que jazem ociosas e abandonadas.
P. 12 Refugos humanos Excessivos Redundantes Produto da modernidade	A produção de "refugo humano", ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os "excessivos" e "redundantes", ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da <i>construção da ordem</i> (cada ordem define algumas parcelas da população como "deslocadas", "inaptas" ou "indesejáveis") e do <i>progresso econômico</i> (...).
P.12 Imperialismo	A remoção desse refugo produzido nas partes "modernizadas" e em "modernização" do globo foi o mais profundo significado da colonização e das conquistas imperialistas (...).
P. 13 Modernidade triunfante Produção e	(...) A modernização progrediu de modo triunfante, alcançando as partes mais remotas do planeta; a quase totalidade da produção e do consumo humanos se tornaram mediados pelo dinheiro e pelo mercado; a mercantilização, a comercialização e a monetarização dos modos de subsistência dos seres humanos penetraram os recantos

consumo humano Sem espaço.	mais longínquos do planeta; por isso, não se dispõe mais de soluções globais para problemas produzidos localmente, tampouco de escoadouros globais para excessos locais.
P. 13 Remoção?	(...) a nova plenitude do planeta significa, essencialmente, <i>uma crise aguda da indústria de remoção do refugio humano</i> (...).
P. 13 Globalização	A globalização se tornou a terceira - e atualmente a mais prolífica e menos controlada - "linha de produção" de refugio humano ou de pessoas refugadas.
P. 14 Expansão Global	A expansão global da forma de vida moderna liberou e pôs em movimento quantidades enormes e crescentes de seres humanos destituídos de forma e meios de sobrevivência (...).
P. 14 Superpopulação do globo – migrantes.	(...). Daí os alarmes sobre a superpopulação do globo; daí também a nova centralidade dos problemas dos “imigrantes” e das “pessoas em busca de asilo” para a agenda política moderna, e o papel crescente que os vagos e difusos “temores relacionados a segurança” desempenham nas estratégias globais emergentes e na lógica das lutas pelo poder.
P. 14 Segurança.	(...), a florescente “indústria da segurança” se torna rapidamente um dos principais ramos da produção de refugio e fator fundamental no problema de sua remoção.
P. 14	(...) moderna e consumista cultura da individualização.
	<b>1 - NO COMEÇO ERA O PROJETO ou o refugio da construção da ordem.</b>
P. 20 Redundância Permanência Regularidade	(...). “Redundância” sugere permanência e aponta para a regularidade da condição. Nomeia uma condição sem oferecer um antônimo prontamente disponível. Sugere uma nova forma de normalidade geral, e o formato das coisas que são imanes e que tendem a permanecer como são.
P. 20 Redundante.	Ser “redundante” significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso (...). Ser declarado redundante significa ter sido dispensado <i>peelo fato de ser dispensável</i> .
P. 20 Problema financ.	(...), rotineiramente, as pessoas declaradas “redundantes” são consideradas sobretudo um problema financeiro.
P. 21 Resposta à redundância	(...). A resposta à redundância é tão financeira quanto a definição do problema: esmolas fornecidas pelo Estado, reguladas pelo Estado ou por ele promovidas e testadas em relação ao meios.
P. 21 Problemas	(...) pessoas declaradas redundantes (...), apenas um aspecto do problema que os desempregados representam para si mesmos e para os outros.
P. 21 Readmissão	(...). Não será suficiente para a readmissão dos “redundantes” à sociedade do que foram excluídos.
P. 21 Sem-teto social Destino.	O sentimento de que a redundância pode indicar a condição de “sem-teto social”, com a correspondente perda da auto-estima e do propósito da vida, ou a suspeita de que ela possa a qualquer momento se tornar seu destino (...).

P. 22 Motivos para a respeitabilidade	(...), acusada de indolência e suspeita de intenções iníquas e inclinações criminosas, essa geração tem poucos motivos para tratar a "sociedade" como um lar digno de lealdade e respeito.
P. 22 Sociedade de produtores	Os desempregados da <i>sociedade de produtores</i> (incluindo aqueles temporariamente "afastados da linha de produção") podem ter sido desgraçados e miseráveis, mas seu lugar na sociedade era seguro e inquestionável.
P. 22 Consumidores falhos	Os consumidores falhos da <i>sociedade de consumidores</i> não podem ter essa certeza. Só podem estar certos de uma coisa: excluídos do único jogo disponível, não são mais jogadores - e portanto não são mais necessários.
P. 23 Volatilidade da posição social Perspectivas?	(...) a desconcertante volatilidade da posição social, a redução de perspectivas, o viver ao deus-dará, sem uma chance confiável de assentamento duradouro, ou pelo menos de longo prazo, a imprecisão das regras que se deve aprender e dominar para ir em frente - tudo isso assombra a todos eles, sem discriminação, gerando ansiedade, destituindo todos os membros dessa geração, ou quase todos, da autoconfiança e da auto-estima.
P. 24 Progresso Felicidade Slogans da modernidade	(...). O progresso era apregoado sob o slogan de mais felicidade para um número <i>maior</i> de pessoas. Mas talvez o progresso, marca registrada da era moderna, tivesse a ver, em última instância, com a necessidade de <i>menos</i> (e cada vez menos) pessoas para manter o movimento, acelerar e atingir o topo, o que antes exigiria uma massa bem maior para negociar, invadir e conquistar.
P. 24 As estratégias do passado não funcionam mais Falta...	(...). Talvez, e mais importante, hoje em dia tenhamos a tendência a sentir que o remédio patenteado e herdado do passado não funciona mais. Não importa a habilidade que possamos ter na arte de gerenciar crises, na verdade não sabemos como enfrentar esse problema. Talvez nos faltem até mesmo as ferramentas para imaginar formas razoáveis de enfrentá-lo.
P. 25 Indefinição dos fins Indeterminados Não-confiáveis.	(...) Agora não se trata mais de encontrar meios para atingir fins definidos de modo claro e então segurá-los com firmeza e usá-los com o máximo de habilidade para obter o maior efeito possível. A questão agora é a indefinição (...) dos fins - que se desvanecem e dissolvem mais depressa que o tempo necessário para atingi-los, são indeterminados, não-confiáveis e comumente vistos como indignos de compromisso e dedicação eternos.
P. 25 Excluído...	(...) para qualquer um que tenha sido excluído e marcado como refugio, não existem trilhas óbvias para retornar ao quadro dos integrantes.
<b>Digressão: Sobre contar histórias</b>	
P. 26 Histórias	Histórias são como holofotes e refletores - iluminam partes do palco enquanto deixam o resto na escuridão.
P. 26 Entendimento Selecionar Incluir/excluir Iluminação	As histórias ajudam as pessoas em busca do entendimento, separando o relevante do irrelevante, as ações de seus ambientes, a trama de seus antecedentes e os heróis ou vilões que se encontram no centro do roteiro das hostes de excedentes e simulacros. É missão das histórias selecionar, e é de sua natureza incluir excluindo e iluminar lançando sombras.

P. 26	Sem seleção não haveria história.
P. 27 Capacidade de esquecimento como central na vida.	(...) Milan Kundera concorda: "Se alguém pudesse reter na memória tudo aquilo que vivenciou, se pudesse num dado momento recuperar qualquer fragmento do seu passado, esse alguém não seria absolutamente humano; seus amores, amizades, raivas, sua capacidade de esquecer ou de vingar-se -nenhum deles se pareceria com os nossos.
P. 29 O mundo em si mesmo – nem bem nem mal Caos ou ordem	Deixado por sua própria conta, (...), o mundo não é ordenado nem caótico, nem limpo nem sujo. É o projeto humano que evoca a <i>desordem juntamente com</i> a visão da ordem, a sujeira juntamente com o piano da pureza. O pensamento ajusta primeiro a imagem do mundo, de modo a que o próprio mundo possa ser ajustado logo em seguida.
P. 29 O mundo é administrável Humanamente	O mundo é administrável e exige ser administrado, já que tem sido feito na medida da compreensão humana. A observação de Francis Bacon de que "a natureza, para ser comandada, deve ser obedecida" não foi uma intimação à humildade, muito menos um apelo a docilidade. Foi um ato de desafio.
P. 30 Francis Bacon Natureza	(...). A heresia de Bacon estava na idéia de que a natureza assim compreendida não precisa e não deve ser abandonada a si própria. (...), mas pode ser <i>comandada</i> – desde que aprendamos suas leis, que precisam ser obedecidas.
P. 31 Guia da criação moderna Útil e inútil	(...) o guia da criação moderna. <i>A separação e a destruição do refugio seriam o segredo comercial da criação moderna:</i> cortando e jogando fora o supérfluo, o desnecessário e o inútil, seriam descobertos o belo, o harmonioso, o agradável e o gratificante.
P. 32 Forma perfeita	A visão de uma forma perfeita oculta num bloco informe de pedra bruta precede seu ato de nascença. O refugio e o envoltório que esconde essa forma.
P. 32 Criação e destruição = lixo	Para que algo seja criado, deve-se destinar alguma coisa ao lixo. O envoltório - o refugio do ato criativo - deve ser posto de lado, retalhado e removido para não atulhar o chão e restringir os movimentos do escultor.
P. 32 Lixo a encarnação da ambivalência	(...) faz do lixo a encarnação da ambivalência. O lixo é ao mesmo tempo divino e satânico. É a parteira de toda criação - e seu mais formidável obstáculo. O lixo é sublime: uma mistura singular de atração e repulsa que produz um composto, também singular, de terror e medo.
P. 32 Papel de refugio Projetos	(...). É recebendo o papel de refugio nos projetos humanos que os objetos materiais, sejam eles humanos ou inumanos, adquirem todas as qualidades misteriosas, aterrorizantes, assustadoras e repulsivas relacionadas acima.
P. 33 Criação	(...).O ato de criação atinge a sua culminância, conclusão e verdadeira concretização no ato da separação e remoção do lixo.
P. 34 Mente moderna O mundo pode	A mente moderna nasceu juntamente com a idéia de que <i>o mundo pode ser transformado</i> . A modernidade refere-se a rejeição do mundo tal como ele tem sido até agora e à decisão de transformá-lo. A moderna forma de ser consiste na mudança

ser transformado Rejeição mundo	compulsiva, obsessiva: na refutação do que “meramente é” em nome do que poderia – e no mesmo sentido deveria – ser posto em seu lugar.
P. 34 Condição moderna em movimento	A condição moderna é estar em movimento. A opção é modernizar-se ou perecer. A história moderna tem sido, portanto, a história da produção de projetos e um museu/túmulo de projetos tentados, usados, rejeitados e abandonados na guerra contínua de conquista e/ou desgaste que se trava contra a natureza.
P. 34 Projetos	A história da era moderna tem sido uma longa cadeia de projetos considerados, tentados, perseguidos, compreendidos, fracassados ou abandonados.
P. 35 Projetos modernos e riscos	Os projetos estão repletos de riscos. A medida que se desenrolava a Idade Moderna, uma parte ainda maior do entusiasmo pela produção de projetos e dos esforços para formulá-los foi estimulada pelo impulso para desintoxicar, neutralizar ou afastar da vista os "danos colaterais" produzidos por esse processo no passado.
P. 35 Projetos contradições Mundo	Um projeto à prova de equívocos, a prova de riscos, é algo muito próximo de uma contradição. Para ser visto como "realista", passível de implementação, o projeto precisa simplificar a complexidade do mundo.
P. 36 Refugio e excesso	(...) sobre "refugio" (...) seu <i>excesso</i> : esse aliado e cúmplice do lixo, leal e inseparável, principal responsável por sua obesidade colossal e exponencialmente crescente.
P. 36 Excesso de informação	O excesso de informação é grande demais para ser descarregado nos cérebros humanos - ou mesmo nos seus repositórios convencionais, as prateleiras das bibliotecas.
P. 36 Ciberespaço Excesso inform.	(...). No ciberespaço, o principal atributo da informação é ser interminável, e isso cria uma necessidade abstrata de controle da informação que na verdade jamais poderá ser satisfeita...
P. 37 Tecnopoder informação	(...) tecnopoder espiral, segundo Tim Jordan, constitui-se de três elementos: a sobrecarga de informação, o domínio dessa sobrecarga com um instrumento e a ocorrência da sobrecarga de informação.
P. 37 Desordem excesso de informação	Mesmo para os padrões do nosso mundo, lançado repetidas vezes à desordem pelo excesso de informação "objetivamente disponível", que não pode mais ser absorvido e que portanto não é passível de administração, e não por sua falta, o número de <i>sites</i> que tratam do tema do lixo e enorme.
P. 37	(...) telecidade global (...).
P. 37 Refugio...	(...), o refugio pode ser descrito como <i>simultaneamente o problema mais angustiante e o segredo mais guardado</i> de nossos dias.
P. 38 Remoção	(...). removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis, por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles.
P. 38	O refugio é o segredo sombrio e vergonhoso de toda produção.

P. 39 Sobrevivência	(...). A sobrevivência moderna – a sobrevivência da forma de vida moderna – depende da destreza e da proficiência na remoção do lixo.
P. 39 Lixo e incerteza	(...). Não importa o quanto se tente, a fronteira que separa o “produto útil” do “refugio” é uma zona cinzenta: um reino da indefinição, da incerteza – e do perigo.
P. 40 Produção de projetos mundo Imperfeito.	A produção de projetos faz sentido à medida que nada no mundo existente é como <i>deveria</i> ser. Ainda mais importante, ela ganha uma fama merecida se esse mundo não é o que <i>poderia</i> ser, considerando-se os meios disponíveis ou esperados de tornar as coisas diferentes.
P. 40	(...). “O mal” é o refugio do progresso.
P. 40 Modernidade e condição humana inaceitável.	(...). Um aspecto do mundo que a mente moderna considerou particularmente repugnante, inaceitável e insustentável era, contudo, a condição da humanidade. E a humanidade era uma parte do mundo que conseguia ignorar, para seu próprio risco, as leis da natureza e colocar em seu lugar as leis do homem.
P. 41 Razão soberana	(...). A única "lei da história humana" que se podia imaginar era a necessidade de a razão assumir onde a espontaneidade humana havia falhado de maneira espetacular.
P. 41 Modernidade Urgência	A modernidade é, pode-se dizer, um estado de perpétua emergência - inspirado e alimentado, para citar um texto de Geoffrey Bennington referente a outro contexto, por "um senso de que alguém tem de dar ordens para que o todo não se perca".
P. 41	(...). A alternativa a um futuro pré-planejado é o domínio do caos.
P. 41	A modernidade é uma condição da produção compulsiva e viciosa de projetos.
P. 42 Seres humanos refugados Mutações. Híbridos...	Quando se trata de projetar as formas do convívio humano, o refugio são seres humanos. Alguns não se ajustam a forma projetada nem podem ser ajustados a ela, ou sua pureza é adulterada, e sua transparência, turva: os monstros e mutantes de Kafka, como o indefinível Odradek ou o cruzamento de gato com ovelha - singularidades, vilões, híbridos que desmascaram categorias supostamente inclusivas/exclusivas.
P. 42 Expectativa da ordem – oposição ao caos	A expectativa da ordem (qualquer expectativa de qualquer ordem nova) retira de sua toca o ogro do caos. O caos é o <i>alter ego</i> da ordem, uma ordem com sinal negativo: condição em que alguma coisa <i>não está</i> no lugar adequado e <i>não</i> executa a função apropriada (...).
P. 42 Ordem e caos Infinitude de possibilidades	Não poderia haver ordem sem caos, (...). O caos se revela como um estado caótico que permite eventos que a ordem já deve ter proibido; (...) . Caos, desordem e anarquia anunciam a infinidade de possibilidades e o caráter ilimitado da inclusão. A ordem representa os limites e a finitude.
P. 43 Norma precede a realidade Legislação precede a ontologia	Toda iniciativa permanece inabalavelmente do lado da norma. <i>A norma precede a realidade</i> . A legislação precede a ontologia do mundo humano. A lei é um projeto, a planta de um habitat claramente circunscrito, compreensivelmente marcado, mapeado e sinalizado. É a lei que da existência a anarquia, ao traçar a linha que divide o dentro do fora. A anarquia não é meramente a ausência da lei; ela nasce da retirada, da suspensão, da recusa da lei.

<p>P. 43 Legalmente exclusão é auto- suspensão Ausência.</p>	<p>Do ponto de vista da lei, a exclusão é um ato de auto-suspensão. Isso significa que a lei limita sua preocupação com o marginalizado/excluído para mantê-los fora do domínio governado pela norma que ela mesma circunscreveu. A lei atua sobre essa preocupação proclamando que o excluído não é assunto seu. Não há lei para ele. A condição de excluído consiste na ausência de uma lei que se aplique a ela.</p>
<p><b>P. 44 Homo Saucer Desprovido de valor perspectiva humana</b></p>	<p><b>A vida de um <i>homo saucer</i> é desprovida de valor, seja na perspectiva humana ou na divina. Matar um <i>homo saucer</i> não é um delito passível de punição, mas sua vida não pode ser tirada num sacrifício religioso. Privada da significação humana e divina que só a lei pode conferir, a vida do <i>homo saucer</i> é inútil. Matar um <i>homo saucer</i> não é crime nem sacrilégio, mas, pela mesma razão, não pode ser uma oferenda.</b></p>
<p><b>P. 44 Homo saucer Refugio humano</b></p>	<p><b>O <i>homo saucer</i> é a principal categoria de refugio humano estabelecida no curso da moderna produção de domínios soberanos ordeiros (obedientes a lei e por ela governados).</b></p>
<p><b>P. 45 Modernidade Estado Nação</b></p>	<p><b>Por toda a era da modernidade, o Estado-nação tem proclamado o direito de presidir a distinção entre ordem e caos, lei e anarquia, cidadão e <i>homo saucer</i>, pertencimento e exclusão, produto útil (= legítimo) e refugio.</b></p>
<p>P. 45 Estados-nações contemporâneos Paradoxos</p>	<p>Os Estados-nações atuais podem não mais governar o esboço do piano, nem exercer o direito de propriedade de <i>utere etabutere</i> (usar e abusar) dos sítios de construção da ordem, mas ainda afirmam sua prerrogativa essencial de soberania básica: o direito de excluir.</p>
<p><b>2 – Serão eles demasiados? Ou o refugio do progresso econômico.</b></p>	
<p>P. 47 Superpopulação Malthus</p>	<p>(...), não se registra o uso da palavra "superpopulação" antes do final do século XIX (...) (precisamente em 1798), Thomas Robert Malthus tenha publicado seu <i>Ensaio sobre o principio da população tal como esta afeta o futuro progresso da sociedade</i></p>
<p>P. 47 Superpopulação</p>	<p>(...) o "principio da população" malthusiano ia contra a essência de tudo aquilo que a promessa moderna representava – sua certeza de que toda miséria humana tem cura;</p>
<p>P. 49 Progresso Econ.</p>	<p>(...) a turbulenta história da destruição criativa que recebeu o nome de progresso econômico.</p>
<p>P. 50 Era moderna Grandes migrações</p>	<p>Desde o princípio, a era moderna foi uma época de grandes migrações. Massas populacionais até agora não calculadas, e talvez incalculáveis, moveram-se pelo planeta, deixando seus países nativos, que não ofereciam condições de sobrevivência, por terras estrangeiras que lhes prometiam melhor sorte.</p>
<p>P. 51 Darwin processo De civilizar</p>	<p>(...) Charles Darwin assim resumiu a saga do processo de “civilizar os selvagens” conduzido pelos europeus: “Onde o europeu pisou, a morte parece perseguir o aborígine.”</p>
<p>P. 53 Soc. Produtores</p>	<p>(...). Numa sociedade de produtores, essa são as pessoas cuja mão-de-obra não pode ser empregada com utilidade (...).</p>

P. 53 Consumidores falhos	(...). Numa sociedade de consumidores, elas são os “consumidores falhos” – pessoas carentes do dinheiro que lhes permitiria ampliar a capacidade do mercado consumidor (...).
P. 53 Consumidores	(...). Os consumidores são os principais ativos da sociedade de consumo, enquanto os consumidores falhos são os seus passivos mais irritantes e custosos.
P. 53 Pop. Excedente	A “população excedente” é mais uma variedade do refugo humano. (...). São (...) “baixas colaterais”, (...) não intencionais e não planejadas, do progresso econômico.
P. 54 Progresso Econômico E produção de refugos humanos	Apenas uma linha colateral do progresso econômico, a produção de refugo humano tem todas as marcas de um tema impessoal, puramente técnico. Os principais atores desse drama são "termos de comércio", "demandas do mercado", "pressões competitivas", padrões de "produtividade" e "eficiência", todos encobrindo ou negando de modo explícito qualquer conexão com as intenções, à vontade, as decisões e as ações de pessoas reais, dotadas de nomes e endereços.
P. 55 Corpos supérfluos Conseqüência da globalização.	"A produção de corpos supérfluos, não mais exigidos para o trabalho, é consequência direta da globalização", como aponta Hauke Brunkhorst. Ele acrescenta que a peculiaridade da versão globalizada da "superpopulação" e a maneira como ela combina, com grande rapidez, a crescente desigualdade com a exclusão dos “corpos supérfluos” do domínio da comunicação social.
P. 56 História futura	(...) a “história futura” não se presta ao estudo científico, desafiando até mesmo as mais avançadas metodologias de predição de que dispõe a ciência.
P. 56 Evidências e preocupações	(...) as estimativas demográficas (...). Deve-se interpretá-las como evidências das preocupações e inquietações atuais, sujeitas a serem logo desmentidas, abandonadas ou esquecidas e substituídas por outras apreensões.
P. 57 Grau de superpopulação	(...) o grau de superpopulação deve ser medido com referência ao número de pessoas a serem sustentadas pelos recursos que determinado país possui e pela capacidade do meio local de manter a vida humana.
P. 58 Nações ricas Alto consumo de energia e produção de lixo	As nações ricas podem ostentar uma densidade populacional elevada porque são centros de "alta entropia", drenando recursos, sobretudo as fontes de energia, do resto do mundo, e devolvendo em troca o refugo poluente, muitas vezes tóxico, do processamento industrial que esgota, aniquila e destrói grande parte dos recursos energéticos do planeta.
P. 59 Preferências	(...). Afinal, o grande projeto que separa o "refugo" do "produto útil" não assinala um "estado de coisas objetivo", mas as preferências dos projetistas.
<b>Digressão: <i>Sobre a natureza dos poderes humanos</i></b>	
P. 61 Medo cósmico Enormidade do universo	(...) no cerne do "medo cósmico", jaz a não-entidade do ser assustado, doentio e mortal comparado a enormidade do universo imperecível. A simples fraqueza, incapacidade de resistir, <i>vulnerabilidade</i> do corpo humano, frágil e mole, que a visão do "céu estrelado" ou da "massa física das montanhas" revela.
P. 61	(...). Esse universo escapa a toda compreensão. Suas intenções são desconhecidas,



Compreensão???	seus próximos passos, imprevisíveis.
P. 61	(...) o "medo cósmico" é também o horror do desconhecido: o terror da <i>incerteza</i> .
P. 61 Vulnerabilidade e incerteza	Vulnerabilidade e incerteza são as duas qualidades da condição humana a partir das quais se molda o "medo oficial": o medo do poder <i>humano</i> , do poder criado e manipulado pelo homem.
P. 62 Religião Segurança	(...). A religião extrai seu poder sobre as almas humanas brandindo a promessa da segurança. Mas, para fazê-lo, teve primeiro de reprocessar o universo, transformando-o em Deus – forçando-o a falar...
P. 62	(...), o protótipo cósmico é o medo da força anônima e implacável.
P. 63 Obrigar deusa a ser Benevolente	(...), a partir daquele momento, Deus – agora a fonte do medo “oficial” – passou a estar preso também: pela obediência de Seu povo. Deus havia adquirido vontade e arbítrio apenas para submetê-los novamente! Pelo simples expediente da docilidade, as pessoas podiam obrigar Deus a ser benevolente.
P. 64 Carl Schmitt	(...). O Livro de Jó antecipa o veredicto posterior de Carl Schmitt de que "o soberano e aquele que tem o poder de eximir".
P. 64 Jô Deus nada deve a seus adoradores.	O que o Livro de Jó proclama é que Deus nada deve a seus adoradores - decerto não lhes presta conta de seus atos. A onipotência divina inclui o poder do capricho e da extravagância, de fazer milagres e ignorar a lógica da necessidade a qual os seres inferiores só podem obedecer.
P. 64	Ao contrário do universo insensível que Ele substituiu, Deus fala e da ordens.
P. 65 Poder absoluto de Deus	O poder de isentar instaura ao mesmo tempo o poder absoluto de Deus e o medo permanente e incurável dos homens. Graças a esse poder de isenção, os seres humanos são, tal como eram nos tempos anteriores a Lei, vulneráveis e inseguros.
P. 65 Poderes Mundanos Vulneráveis.	Os poderes mundanos, muito a semelhança das novidades dos mercados consumidores, precisam criar sua própria demanda. Para que seu controle se mantenha, é preciso que seus objetos sejam <i>tornados, e mantidos, vulneráveis e inseguros</i> .
P. 65 Existência	(...) Siegfried Krakauer (...) “As medidas provocadas pelo medo existencial são elas “próprias uma ameaça à existência.”“.
P. 65/66 Poder mundano Nutre-se da insegurança.	(...), os poderes mundanos, nutrindo-se das "inseguranças inerentes à existência humana", dedicam seus esforços a criação de ameaças que mais tarde prometerão combater - e quanto mais tiverem êxito em seu trabalho criativo, maior e mais intensa se tornara a demanda por proteção.
<b>P. 66 Poder político</b>	<b>A vulnerabilidade e a incerteza humanas são as principais razões de ser de todo poder político. E todo poder político deve cuidar da renovação regular de suas credenciais.</b>
P. 66	Além de colocar em operação, monitorar e vigiar as condições jurídicas das

Monitorar e vigiar = Política	liberdades de mercado, o poder político não tem necessidade de interferir mais para assegurar uma quantidade suficiente e uma provisão permanente de "medo oficial".
P. 67 Estado de bem-estar Social	A idéia de "Estado de bem-estar" (mais exatamente, como propõe Robert Castel, "Estado social" - inclinado a combater e neutralizar os perigos socialmente produzidos a existência individual e coletiva) proclamou a intenção de "socializar" os riscos individuais e fazer de sua redução uma tarefa e responsabilidade do Estado.
P. 67 Desmantelam. do Estado de Bem Estar	Essa forma de poder político hoje recua para o passado. As instituições do "Estado de bem-estar" são desmanteladas aos poucos e ficam defasadas, enquanto restrições antes impostas as atividades comerciais e ao livre jogo da competição de mercado e suas conseqüências são removidas.
P. 67	(...) a incapacidade de participar do mercado tende a ser cada vez mais criminalizada.
P. 67 Ulrich Beck	(...). Como sustenta Ulrich Beck, agora se espera dos indivíduos que procurem soluções biográficas para contradições sistêmicas.
P. 67 Crescimento da apatia política Descaso em relação a lei Desobediência	O crescimento observado da apatia política, da perda do interesse e do compromisso políticos ("não há mais salvação pela sociedade", na famosa frase de Peter Drucker), o aumento do descaso em relação a lei, a multiplicação de sinais de desobediência cívica (...) e, por último, mas não menos importante, a redução maciça da participação do povo na política institucional - todos esses são testemunhos da destruição dos alicerces do poder de Estado.
P. 68 Segurança Pessoal	(...) na questão da <i>segurança pessoal</i> : ameaças e perigos aos corpos humanos, propriedades e hábitos provenientes de atividades criminosas, a conduta anti-social da "subclasse" e, mais recentemente, o terrorismo global.
P. 68 Insegurança de mercado Medos oficiais Insegurança Administração	Ao contrário da insegurança nascida no mercado, (...), essa insegurança alternativa com que se espera restaurar o monopólio da redenção perdido pelo Estado deve ser ampliada de modo artificial, ou ao menos muito dramatizada para inspirar um volume de "medo oficial" grande o bastante para encobrir e relegar a um plano secundário as preocupações com a insegurança economicamente gerada em relação a qual a administração do Estado não pode - e não deseja - fazer coisa alguma.
P. 69 Temores e medos	Os temores inspirados e estimulados pelas forças oficiais trabalham sobre as mesmas fraquezas humanas que subjazem ao "medo cósmico" de Bakhtin.
P. 70 Deve haver tensão Órgãos da lei	(...). Deve haver tensão - quanto mais, melhor - disponível para ser aliviada quando os atentados não ocorrerem, - de modo que todo crédito pelo alívio possa ser atribuído por consenso popular aos órgãos da lei e da ordem a que a administração do Estado, e suas responsabilidades oficialmente declaradas vem sendo cada vez mais reduzidas.
P. 71 Medo terroristas	(...) O novo medo dos terroristas foi misturado e cimentado com o ódio aos "parasitas", sentimento bem entrincheirado, mas que precisa de constante alimento,
P. 71 Buscas individuais	(...) Enquanto a incerteza econômica não é mais preocupação de um Estado que preferiria deixar para seus súditos individuais a busca individual de remédios individuais para a insegurança existencial individual (...).

P. 71 Preocupações dos Cidadãos Maquiagem	(...) As preocupações dos cidadãos com seu bem-estar foram removidas do traiçoeiro terreno da <i>precarité</i> 'promovida pelo mercado (...), e levadas para uma área mais segura e muito mais telefotogênica, em que o poder aterrorizante e a resolução férrea dos governantes podem ser de fato apresentados à admiração pública.
P. 73 Imigrantes e refugos	(...). Há uma espécie de “afinidade eletiva” entre imigrantes (aquele refugio humano proveniente de lugares distantes descarregados em “nosso próprio quintal”) e os menos toleráveis de nossos próprios temores domésticos.
P. 73 Imigrantes e descartáveis	(...). Para aqueles que os detratam e odeiam, os imigrantes encarnam – de modo visível, tangível, em carne e osso – o pressentimento inarticulado, mas pungente e doloroso, de sua própria condição de descartável.
P. 74 Neoliberalismo e progresso	(...) aquilo que o credo neoliberal considera sagrado e promove como preceitos que deveriam governar a conduta de todos (ou seja, “o desejo de progresso e prosperidade, a responsabilidade individual, a prontidão em assumir riscos, etc”).
P. 75 Náufragos ejetados	(...) “as pessoas como eles”, os náufragos e ejetados das marés planetárias de refugio humano. Essa, como já mostramos acima, é a nova utilização que se faz deles, em particular daqueles que conseguiram desembarcar nas terras dos abastados.
P. 75	(...), os “migrantes econômicos” quase desapareceram dos olhos do público;
P. 75 Refugos econômicos e os refugiados Totalidade	A única diferença entre os dois tipos de “pessoas refugadas” é que, enquanto aquelas em busca de asilo tendem a ser produzidas por sucessivas versões do zelo de projetar e construir a ordem, os migrantes econômicos são um produto colateral da modernização econômica que, como vimos acima, agora abraçou a totalidade do planeta. As origens de ambos os tipos de “refugio humano” são agora globais (...).
P. 76 Refugiados	Os refugiados, os deslocados, as pessoas em busca de asilo, os migrantes, os <i>sans papiers</i> constituem o refugio da globalização.
P. 76 Delicias da vida de consumidor	(...) as delícias da vida do consumidor. É nisso que consiste o consumismo – e ele decerto não inclui o desempenho de tarefas sujas, cansativas, aborrecidas ou apenas desinteressantes, “sem alegria”.
P. 77 Dejetos e orgias	(...). Está montado o palco para o encontro dos dejetos humanos com as sobras das orgias consumistas – de fato, parecem ter sido feitos uns para os outros...
P. 77 Castas globais	(...) No mundo da liberdade e igualdade globais, as terras e a população foram arrumadas numa hierarquia de castas.
P. 79 Interrupção	(...) interrupção efetiva da onda de lixo humano empobrecido que flui dos países latino-americanos para os Estados Unidos.
	<b>3. A cada refugio seu depósito de lixo ou o refugio da globalização.</b>
P. 81 Vítimas das baixas humanas Progresso	(...) vítimas das baixas humanas produzidas pela vitória, em âmbito planetário, do progresso econômico. Em circulação pelo globo, em busca de subsistência e na tentativa de se estabelecer onde ela pode ser encontrada, essas pessoas constituem um alvo fácil para a descarga das ansiedades provocadas pelos temores generalizados de

econômico	redundância social.
P. 81	(...) a progressiva "criminalização do globo e globalização do crime".
P. 82 Inimigos Públicos	(...) Procurar o Inimigo Público Número 1 entre os infelizes imigrantes dos <i>banlieus</i> e nos acampamentos para pessoas em busca de asilo e bem mais oportuno e conveniente, mas acima de tudo menos incômodo.
P. 83 Citação de Richard Rorty	(...) A ausência de uma sociedade politicamente organizada de âmbito global significa que os super-ricos podem operar sem consideração a outros interesses que não os seus.
P. 83 globalização Legal e ilegal (?)	(...) "fato central da globalização" (...) a anulação da diferença entre "legal" e "ilegal", que só uma lei efetiva e aplicável pode traçar. Não existe uma lei global assim para ser violada.
P. 83 Ao existe uma sociedade política global	(...) E não existe, em âmbito global, uma sociedade politicamente organizada de qualquer tipo ou forma que seja capaz de fazer algo tão importante como postular a introdução de normas que possam ser obedecidas do ponto de vista global - muito menos tentar que elas de fato o sejam.
P. 83 Direito global ? Democracia ???	(...) "direito global" (...) "muito afastado da política, sem uma forma constitucional, sem democracia, sem hierarquia a partir da base, sem uma cadeia continua de legitimação democrática". É um "governo sem governante".
P. 84 Produtos da globalização	(...). A incerteza e a angústia que dela nasce são produtos básicos da globalização. Os poderes de Estado não podem fazer quase nada para aplacar a incerteza, muito menos para eliminá-la.
P. 84 Refugiados	(...). Refugiados, pessoas em busca de asilo, imigrantes - os produtos rejeitados da globalização - se encaixam perfeitamente nesse papel.
P. 84 Refugiados e imigrantes Efigie	(...) refugiados e imigrantes, vindos de "longe" e, no entanto, solicitando permissão para se estabelecerem na vizinhança, servem apenas para o papel de efigie a ser queimada como o espectro das "forças globais", temidas e abominadas por fazerem seu trabalho sem consultar aqueles que tendem a ser afetados.
P. 85 Esquivos Imprevisíveis	(...) Tal como essa elite, eles são esquivos, imprevisíveis, sem laços com lugar algum. Tal como ela, são a epítome do insondável "espaço de fluxos" em que se fincam as raízes da atual precariedade das condições humanas.
P. 85 Incerteza Elite global	(...). A incerteza não pode ser difundida nem disseminada num confronto direto com a outra encarnação da extraterritorialidade: a elite global que flutua além do controle humano.
P. 85 Refugiado	O refugiado, como assinalou Bertolt Brecht em <i>Die Landschaft des Exile</i> (A paisagem do exílio), e " <i>ein Bate des Unglucks</i> " ("um arauto das más notícias").
P. 86 Provisoriedade	(...), é recomendável encarar todas as descobertas e avaliações como parciais, e todas as sínteses como provisórias.

P. 87 Missão do Estado	Loïc Wacquant observa uma “redefinição da missão do Estado”. Este “retira-se da arena econômica, proclama a necessidade de reduzir seu papel social à amplitude e extensão de sua intervenção penal”.
P. 87 Fronteiras e membranas	(...) Hedetoft insinua (...), as fronteiras transformaram-se no que poderíamos chamar de “membranas assimétricas” que permitem a saída, mas “protegem contra o ingresso indesejado de unidades provenientes do outro lado”.
P. 88 Difusão do modo de vida global Centro e Periferia	(...) <i>a difusão global do modo de vida moderno, que agora atingiu os limites mais longínquos do planeta.</i> Ela eliminou a divisão entre "centro" e "periferia", ou, de maneira mais correta, entre modos de vida "modernos" (ou "desenvolvidos") e "pré-modernos" (ou "subdesenvolvidos" ou "atrasados") - divisão que acompanhou a maior parte da história moderna, (...).
P. 88 Ordem e progresso Refugio humano por toda parte.	Mas agora o planeta esta cheio. (...), que típicos processos modernos, como a construção da ordem e o progresso econômico, ocorrem por toda parte, e assim por toda parte o "refugio humano" é produzido e germinado em quantidades sempre crescentes - agora, porém, na ausência de depósitos "naturais" adequados para sua armazenagem e potencial reciclagem.
P. 89 Rosa Luxemburgo	Rosa Luxemburgo (...) propôs que, embora "precise de organizações sociais não-capitalistas como ambiente para o seu desenvolvimento", o capitalismo "avança assimilando a própria condição que pode por si só assegurar sua existência".
P. 89 O triunfo global da modernidade e a crise da remoção de refugio humano Rosa Luxem.	Rosa Luxemburgo divisou um capitalismo que parecia por falta de comida - sucumbindo por ter devorado o último bocado da "alteridade" que lhe servia de alimento. Cem anos depois, parece que um dos resultados mais fatais - talvez o mais fatal - do triunfo global da modernidade é a crise aguda da indústria de remoção do lixo humano: como o volume de refugio humano supera a atual capacidade gerencial, há uma expectativa plausível de que a modernidade, agora planetária, se sufoque nos seus próprios dejetos, (...).
P. 90 Nova plenitude do planeta Alcance global da modernização Bloqueio dos escoadouros Para drenar	A nova "plenitude do planeta" - o alcance global da modernização e, assim, a difusão planetária do modo de vida moderno - tem duas conseqüências diretas brevemente assinaladas nas páginas precedentes. A primeira delas é o bloqueio dos escoadouros que no passado permitiam drenar e limpar, com regularidade e a tempo, os enclaves do planeta, relativamente poucos, de seu refugio excedente (ou seja, do lixo que excede a capacidade dos dispositivos de reciclagem), que o modo de vida moderno não poderia deixar de produzir numa escala cada vez maior.
P. 90 Pessoas redundantes	(...) Para as "pessoas redundantes" agora produzidas nas partes do planeta que há pouco alcançaram a modernidade ou caíram sob o seu jugo, esses escoadouros nunca existiram (...).
P. 91 Lixo	(...) Em vez de permanecer, como antes, o problema de uma parte distinta da população, a destinação ao "lixo" torna-se o futuro potencial de todo mundo (...).
P.91 Retardatários	(...). Esses “retardatários da modernidade” são obrigados a buscar soluções para um problema causado globalmente – embora com pífias chances de sucesso.

P. 92 Guerras e massacres tribais Problemas locais	As guerras e massacres tribais (...) a proliferação de “exércitos guerrilheiros (...) ocupados em dizimar uns aos outros, mas absorvendo e aniquilando nesse processo o “excedente populacional” (...), um “colonialismo regional” ou “imperialismo dos pobres” -, estão entre tais “soluções locais para problemas locais” (...).
P. 92 Produção...	Talvez a única indústria a prosperar nas terras dos retardatários (...) seja a produção maciça de refugiados.
P. 93 Excedentes...	(...) os já não administráveis problemas de “excedente populacional” dos vizinhos próximos que dirigem a contragosto uma indústria semelhante.
P. 93 Migrantes Excedentes Modernidade	(...) a segunda consequência formidável da atual transformação: milhões de migrantes vagam por estradas que já foram trilhadas para “população excedente” descarregada pelas estufas da modernidade (...), e desta vez desassistida (...) por exércitos de conquistadores, comerciantes e missionários.
P. 94 Economia Moral e política	(...) riqueza e poder determinam não apenas a economia, mas a moral e a política do espaço global e, nesse sentido, tudo mais que diga respeito às condições de vida no planeta.
P. 95 Globalização Vítimas	(...). O número de vítimas da globalização destituídas de um teto e de um Estado cresce com demasiada rapidez para que o trabalho de projetar e construir os acampamentos possa acompanhá-lo.
P. 95 Globalização e terceirização das guerras.	Um dos efeitos mais sinistros da globalização é a desregulamentação das guerras. A maioria das ações belicosas de hoje, e as mais cruéis e sangrentas de todas, são conduzidas por entidades não-estatais, que não se sujeitam à leis dos Estados nem às convenções internacionais.
P. 96 Refugiados destituídos de Estado.	(...). Os refugiados são destituídos de Estado (...). São proscritos e fora-da-lei de um novo tipo, produtos da globalização e principal síntese e encarnação do seu espírito de terra de fronteira. (...) Agier (...) eles foram lançados à condição de “náufragos liminares”, sem possibilidade de saber se tal condição é transitória ou permanente.
P. 96 Destino	(...). Seu destino é jamais se libertar da torturante consciência da transitoriedade, indefinição e provisoriedade de qualquer assentamento.
P. 97 Despojados de suas identidades Sem Estado Sem função	A caminho dos campos de refugiados, os futuros internos se vêem despidos de todos os elementos que compõem suas identidades, menos um: a condição de refugiados sem estado, sem lugar, sem função. De dentro das cercas do campo, são reduzidos a uma massa sem rosto, e lhes é negado o acesso às amenidades elementares das quais se extraem as identidades, assim como dos fios com que elas são tecidas.
P. 98 Refugiados Refugados	Os refugiados são refugio humano, sem função útil para desempenharem na terra em que chegaram e na qual permanecerão temporariamente, nem a intenção ou perspectiva realista de serem assimilados e anexados ao novo corpo social.
P. 98 Temporários...	(...) a localização de seus campos para sempre temporários. Fora daquele lugar, os refugiados são um obstáculo e um problema. Dentro dele, são esquecidos.
P. 98	(...). O refugio não precisa de distinções requintadas e matizes sutis, a menos que seja

Reciclagem	marcado para a reciclagem.
P. 99 Contestado.	(...) a própria idéia de “refugiado” – escondendo ao mesmo tempo que revela – é um “conceito essencialmente contestado”.
P. 99/100 P. 101 Indefinição eterna Ausência de lugares vazios para depósito.	(...). “Estar sob proteção” não significa “ser desejado” (...). (...) a “indefinitude” do deslocado se sustenta pela eternidade. É uma história diferente com as pessoas redundantes já “dentro” e destinadas a ficar dentro porque a nova plenitude do planeta impede sua exclusão territorial. Com a ausência de lugares vazios para os quais pudessem ser deportados, e o bloqueio daqueles aos quais viajariam por livre-arbítrio em busca de sustento, os depósitos de lixo devem ser estabelecidos dentro da localidade que as tornou supérfluas.
P. 102 Novos guetos Lixeiras	(...), o novo gueto, nas palavras de Wacquant, “não serve de reservatório da mão-de-obra industrial descartável, mas de mero depósito de lixo [daqueles para quem] a sociedade envolvente não tem uso econômico nem político”.
P. 103 Hipergueto Mecanismo de exclusão	(...), “ enquanto o gueto, em sua forma clássica, funcionava em parte como um escudo protetor contra a brutal exclusão racial, o hipergueto perdeu seu papel positivo de amortecedor coletivo, tornando-se um mecanismo mortal da pura e simples exclusão social.”
P. 105 Estado abandono de suas funções econômicas e políticas Segurança	(...), desde que o Estado, abandonando a maior parte de suas funções econômicas e sociais, escolheu a “política de segurança” (e, de mais concreta, de segurança pessoal) como o eixo de uma estratégia para recuperar a autoridade perdida e restaurar sua importância como protetor aos olhos do cidadão, o influxo de recém-chegados tem recebido a culpa, de modo direto ou oblíquo, pelo aumento da inquietação e dos temores difusos que emanam de um mercado de trabalho cada vez mais precário.
P. 106 Estado guarnição defesa dos interesses corporações	O Estado social está se tornando aos poucos, mas de modo inexorável e consistente, um “Estado guarnição”, como o chama Henry A. Giroux, descrevendo-o como um Estado que cada vez mais protege os interesses das corporações globais, transnacionais, “enquanto aumenta o grau de repressão e militarização do <i>front</i> doméstico”.
P. 107 Políticas segregacionistas Saúde da sociedade	A proximidade imediata de amplas e crescentes aglomerações de “pessoas refugiadas”, que tendem a ser duradouras e permanentes, exige políticas segregacionistas mais estritas e medidas de segurança extraordinárias para que a “saúde da sociedade” e o “funcionamento normal” do sistema social não sejam ameaçados.
P. 107 Neutralização	(...) separar de modo estrito o “refúgio humano” do restante da sociedade, excluí-lo do arcabouço jurídico em que se conduzem as atividades dos demais e “neutralizá-lo”.
P. 107 O sistema penal Exclusão controle e confinamento	O sistema penal (...) David Garland sobre a transformação atual, as prisões, que , na era da reciclagem, “funcionavam como a extremidade do setor correcional”, hoje são concebidas de modo muito mais explícito como um mecanismo de exclusão e controle”. São os muros, e não o que acontece dentro deles, que “agora são vistos como o elemento mais importante e valioso da instituição”.
P. 107	(...), o principal e talvez único propósito das prisões não é ser apenas um depósito de

Depósito	lixo qualquer, mas o depósito final, definitivo.
P. 108 Prisões/depósito	(...), as prisões, como tantas outras instituições sociais, passaram da tarefa de reciclagem para a de depósito de lixo.
P. 108 Lixo humano acelerar a biodegradação	(...). Se reciclar não é mais lucrativo, e suas chances (ao menos no ambiente atual) não são mais realistas, a maneira certa de lidar com o lixo é acelerar a “biodegradação” e decomposição, ao mesmo tempo isolando-o, do modo mais seguro possível, do hábitat humano comum.
P. 108/109 Reconstrução da indústria de remoção do lixo	Construir novas prisões, aumentar o número de delitos puníveis com a perda da liberdade, a política de “tolerância zero” e o estabelecimento de sentenças mais duras e mais longas podem ser medidas mais bem compreendidas como esforços para reconstruir a deficiente e vacilante indústria de remoção do lixo (...).
P. 109/110 Capital transnacional Redes de terroristas Batalhas privadas	Na atual versão das condições de terra de fronteira, o lugar dos barões do gado foi ocupado pelas empresas manufactureiras, comerciais e de capital, enquanto os bandidos sem destino, sozinhos ou sem gangues, foram substituídos por redes de terroristas e pô um número infundável de indivíduos dispersos que vêm nos atos por eles perpetrados um arquétipo de suas próprias batalhas privadas contra os dramas sofridos no plano individual, ou apenas um sinal de como até mesmo um infeliz esnobado e rejeitado pode marcar um ponto.
P. 110 Destruição	(...). Aqueles são mais ativos no ramo do “progresso econômico”, da indústria, estes no ramo da “destruição criativa da ordem” (...).
P. 110 Controle do território	Nenhuma autoridade pode afirmar hoje em dia o controle exclusivo sobre seu território em aparência soberano. Mesmo as fronteiras mais estritamente vigiadas são porosas e se mostram fáceis de penetrar.
<b>P. 111 Destruição criativa</b>	<b>(...). Não há autoridade a que possamos resistir, processar, acusar, nem de que possamos pedir compensação. Elas são o refugio da permanente destruição criativa da ordem jurídica, política e ética global.</b>
P. 111 Insegurança Diante dos projetos de planejamento	(...) ninguém se sente seguro de verdade me meio aos incontáveis projetos de planejamento e construção. Ninguém pode basear-se num veredicto recente ou vigente hoje, não importa quão poderosa possa ser a autoridade que o emitiu. Ninguém pode garantir que o espectro do depósito de lixo foi exorcizado para sempre e que o perigo de ser rejeitado e destinado ao refugio foi evitado de vez.
P. 112 Emprego incerteza	Condições de emprego imprevisíveis resultantes da competição de mercado eram então – e continuam sendo – a principal fonte da incerteza quanto ao futuro e da insegurança em relação à posição social e à auto-estima que assaltavam os cidadãos.
P. 112 Estado Moderno	(...). O Estado contemporâneo já não pode cumprir a promessa do Estado social e seus políticos não repetem mais.
P. 112 Maior flexibilidade	(...) pedem aos eleitores que sejam mais “flexíveis” (ou seja, que se preparem para ter mais insegurança no futuro) e busquem individualmente suas próprias soluções individuais para problemas socialmente produzidos.



P. 113 Fortaleza sitiada Corpos individuais	Em contraste com a insegurança demasiado tangível e todo dia vivenciada que os mercados produzem, sem necessidade de ajuda dos poderes políticos senão para serem deixados à vontade, a mentalidade de “fortaleza sitiada” e de corpos individuais e bens privados sob ameaça deve ser ativamente cultivada.
P. 114	(...) à produção de um “Estado de emergência” (...).
P. 114 Baixas colaterais	(...). Somos todos potenciais candidatos ao papel de “baixas colaterais” numa guerra que não declaramos e com a qual não concordamos.
P. 115 Epicuro Confiança rede compromissos	(...). Epicuro, o antigo sábio, já observava (em sua carta a Meneceu) que o que nos ajuda “não é tanto [a ação] dos amigos, mas o conhecimento confiante de que eles vão nos ajudar”. Sem a confiança, a rede de compromissos humanos se desfaz, tornando o mundo um lugar ainda mais perigoso e assustador.
P. 115 Confiança suspeita	A confiança é substituída pela suspeita universal. Presume-se que todos os vínculos sejam precários, duvidosos, semelhantes a armadilhas e emboscadas – até prova em contrário.
P. 115 Compromissos podem ser cancelados	Os compromissos (contratos de emprego, acordos de casamento, arranjos para “viver juntos”) são assumidos tendo-se em mente uma “opção de cancelamento”, sendo considerados mais desejáveis e de maior qualidade segundo a firmeza de suas cláusulas “de desfazimento”.
P. 116 Ambigüidades	Esvaziada da confiança, saturada da suspeita, a vida é assaltada por antinomias e ambigüidades que ela não pode resolver.
<b>4. A cultura do lixo</b>	
P. 118 Infinitude Extrapolação Incapacitante brevidade da vida	“Infinitude” é um constructo abstrato, uma extrapolação mental a partir da experiência do longo prazo – uma extrapolação desencadeada pela incapacitante brevidade da vida corpórea e da exasperadora incompletude dos esforços da vida. A idéia de infinitude representa um extensão imaginada do presente, em que o sentido de todos os momentos passados, presentes e futuros será revelado, e tudo encontrará seu lugar (...).
P. 119 Imortalidade x Brevidade vida	(...). Mas, paradoxo, não é tanto a duração eterna em si, mas a articulação da mortalidade com a imortalidade dos indivíduos humanos, com a brevidade da existência individual, que impregna cada dia de significado.
<b>P. 119 Natureza Homem</b>	O humilhante e doloroso choque entre a presença individual na Terra, limitada de modo severo, e a imperturbável solidez do mundo tem sido parte integrante da experiência humana desde os primórdios da história.
<b>P. 119 Morte</b>	(...). Na aposta pela permanência, todas as chances estão do lado do mundo, destinado a sobreviver a todos os indivíduos humanos agora vivos.
<b>P. 120 Mundo medieval duração infinita</b>	Se a vida pré-moderna era uma recitação diária da duração infinita de todas as coisas, com exceção da existência mortal, a vida líquido-moderna e uma recitação diária da transitoriedade universal. Nada no mundo se destina a permanecer, muito menos para sempre. Os objetos úteis e indispensáveis de hoje são, com pouquíssimas exceções, o

<b>Mundo moderno transitoriedade</b>	refugio de amanhã. Nada é necessário de fato, nada é insubstituível. Tudo nasce com a marca da morte iminente, tudo deixa a linha de produção com um "prazo de validade" afixado.
P. 120	Nenhum compromisso dura o bastante para alcançar o ponto sem retorno.
P. 120 Modernidade	A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da superfluidade, do refugio e de sua remoção.
	<b>Digressão: Cultura e eternidade.</b>
P. 121 A cultura Transforma o horror da Morte	(...) a cultura vai além: de alguma forma, consegue <i>transformar o horror da morte numa força motora da vida</i> . Constrói a <i>expressividade</i> da vida a partir do <i>despropósito</i> da morte. "A sociedade em toda parte é", como aponta Ernest Becker, "um mito vivo sobre o significado da existência humana, uma desafiadora criação de significado".
P. 121 Manter-se na rota da fidelidade das rotinas	(...) Aceitar desde logo a oferta, engolir a dose recomendada do remédio prescrito e ao mesmo tempo manter-se na linha e seguir com fidelidade as rotinas que prometem levar daqui a eternidade não exige o tipo de coragem nem a disposição para o auto-sacrifício que tendemos a associar com a idéia de atos heróicos.
P. 122 Sociedade e cultura	(...) <i>A sociedade, e a cultura que faz da sociedade humana um sistema, e um mecanismo que permite a realização do feito heróico, de modo cotidiano e trivial, por seres humanos comuns, não-heróicos.</i>
P. 122 Blaise Pascal Incapacidade diante da morte	(...). Como Blaise Pascal observou há muito tempo: "Sendo incapazes de curar a morte,... os homens resolveram, a fim de serem felizes,... não pensar nessas coisas." De fato, acrescenta Pascal, "e mais fácil suportar a morte quando não se pensa nela do que a idéia de morte quando não há perigo"
P. 123 Preferência pela distração	(...). "O que as pessoas desejam não é a vida fácil e pacífica que nos permite pensar sobre nossa condição infeliz, ... mas a agitação que conduz nossa mente para longe e nos distrai".
P. 123	Robert Louis Stevenson, viajar com esperança e melhor que chegar.
<b>P. 123</b> <b>A morte foi afastada Da vida de homens e mulheres</b>	Max Scheler (...) A morte foi afastada para longe da vista dos homens e mulheres, contemporâneos, "não é mais visível". Esse "não-ser da morte" se tornou, na opinião de Scheler, a "ilusão negativa do tipo moderno de consciência". Não constituindo mais uma parte do destino humano que mereça ser encarada em toda sua majestade e devidamente respeitada, a morte foi rebaixada à condição de catástrofe deplorável, (...).
P. 123 A vida é vivida Na efemeridade do instante	(...). Com o horizonte da mortalidade fora de sua vista, e não mais orientando os projetos a longo prazo, ou regulando as ações cotidianas, a vida perdeu sua coesão interna. Ela é vivida de um dia para o outro "até que, por curiosa coincidência, não há dia seguinte".
P. 124 Longo prazo	A incansável depreciação do "longo prazo" como tal é um denominador comum das qualidades já perdidas, ou sinistramente escassas e ameaçadas de extinção (...).

P. 124 Eternidade Confiança	(...). A eternidade, somos tentados a dizer, já teve seu momento. (...). A eternidade afigurou-se, desde os primórdios da humanidade, um guia/companhia humano digno de confiança.
P. 124 Há um sentido à vida?	(...). Homens e mulheres precisam agora percorrer a estrada que leva da infância à senilidade sem terem noção do sentido de sua jornada nem confiança na significação de tudo isso.
P. 124/125 Eternidade	(...). A consciência da eternidade (deveríamos dizer a crença nela) pode mesmo ser considerada um dos traços definidores da humanidade.
P. 125 A linguagem e o mundo tecido por ela	(...). A linguagem pode nos informar como as coisas são, mas também é uma faca que nos corta, a nós, ao mesmo tempo produtores, usuários e criaturas das palavras, livres das coisas como elas são e da proximidade de sua presença. Usando palavras como fios, podemos tecer telas que não representem realidade alguma experimentada por nós (...).
P. 125 Linguagem representação do mundo	(...), por cortesia da linguagem, podemos “experimentar” por procuração um mundo do qual nós, de quem esse mundo é, fomos removidos: um mundo que não contém, o mundo como ele poderia ser quando <i>não mais existirmos</i> . Um mundo assim é assustador. Ele reduz e difama tudo que fazemos ou podemos fazer enquanto ainda somos parte dele.
P. 125 Finitude e infinitude	Na farmácia da linguagem, contudo, o pote de veneno tende a vir acompanhando do antídoto. No caso que examinamos, a dor da transitoriedade vem acompanhada da sugestão de duração eterna. A finitude é embrulhada lado a lado com a infinitude, a brevidade com a eternidade, a mortalidade com a vida após a morte.
P. 126 Maiores conquistas da humanidade Eternidade...	(...). Adquirir a futilidade junto com o mérito, o absurdo com a consciência, o medo com a esperança talvez tenha sido a melhor barganha que a humanidade já realizou. A invenção da eternidade é de fato uma mágica da linguagem. É uma invenção curiosa e extraordinária – e no entanto inevitável, algo que não poderia deixar de ser inventado.
P. 126 Medo/esperança Eternidade	(...). Para embrulhar o medo e a esperança no mesmo pacote, era necessário um fio, uma liga, uma dobradiça – a unir uma vida destinada a terminar e, logo, a um mundo destinado a permanecer eternamente.
<b>P. 127</b> <b>Livrar-se de Deus</b> <b>Neste mundo</b>	Quando todos os seres humanos se livrarem de Deus e da eternidade (como deverá acontecer, com a lógica impiedosa de sucessivas camadas geológicas) o homem irá se concentrar em “obter da vida tudo que ela poder dar, em nome da felicidade e da alegria, mas apenas neste mundo, aqui e agora”.
P. 127 Intensidade do amor	(...). O conhecimento de que a vida não passa de um instante fugidio, de que não há uma segunda chance, mudará a natureza do amor. O amor não terá um tempo para habitar o que ele perder em duração vai ganhar em intensidade.
<b>P. 128/129</b> <b>Fim da era das profecias</b>	O derradeiro significado do "fim da era das profecias" é que nós, seres humanos, estamos condenados a optar, e fazemos uma opção sem ter certeza de que no final ela será correta, e uma escolha que, não obstante, deve ser feita vezes e vezes sem conta,

<b>incertezas</b>	já que não há uma indicação de como (e se!) o curso da incerteza pode ser riscado.
P. 129 Modernidade E cultura	Foi na aurora da modernidade que se descobriu o Deus <i>absconditus</i> . E foi na aurora da modernidade que se descobriu a cultura, assim como o fato de que ela tinha se escondido por trás do Deus falante.
<b>P. 129</b> <b>Satisfação</b>	Subir na hierarquia social é avaliado pelo aumento da capacidade de ter o que se deseja (o que quer que seja) <i>agora</i> - sem atraso.
P. 132 Hoje diferente Não uma amanhã melhor Futuro esta além	(...) os dias importam tanto quanto e nada mais que a satisfação que se pode extrair deles. O prêmio que você pode esperar, de forma realística, e trabalhar por obter é um <i>hoje diferente</i> , não um <i>amanha melhor</i> . O futuro está além do seu alcance (e, nesse sentido, do alcance de qualquer um), de modo que você deve parar de ficar olhando para o pote de ouro no fim do arco-íris.
P. 132 Lealdade Longo prazo Desnecessários Superficialidade	(...) não importa o que você faça, mantenha suas opções abertas. Juras de lealdade são para os mesmos caras infelizes que se preocupam com o "longo prazo". Não se comprometa por mais tempo que o absolutamente necessário. Mantenha seus engajamentos frágeis e superficiais, de modo que possam ser desfeitos sem feridas nem cicatrizes.
<b>P. 134</b> <b>Tempo deixou</b> <b>de ser dinheiro</b> <b>tempo</b> <b>é um</b> <b>enfado</b>	<b>A descoberta de Benjamin Franklin de que "tempo é dinheiro" é um louvor ao tempo: o tempo é um valor, é importante, algo a ser valorizado e cuidado, tal como o são o capital e os investimentos. A "síndrome da impaciência" contemporânea transmite uma mensagem oposta: o tempo é um enfado e uma faina, uma afronta e um desafio aos direitos humanos, nenhum dos quais deve ou precisa ser sofrido com satisfação.</b>
<b>P. 135</b> <b>Tempo acarreta</b> <b>perdas de</b> <b>oportunidade</b>	<b>A passagem do tempo deve ser registrada na coluna do débito dos projetos de vida humanos. Ela traz perdas, não ganhos. Acarreta a perda de oportunidades que deveriam ter sido aproveitadas e consumidas quando se apresentaram. Esperar é uma vergonha, e a vergonha de esperar recai sobre aquele que espera.</b>
<b>P. 135</b> <b>Ritmo</b> <b>vertiginoso da</b> <b>mudança</b> <b>desvalorização</b>	<b>O ritmo vertiginoso da mudança desvaloriza tudo que possa ser desejável e desejado hoje, assinalando-o desde o início como o lixo de amanhã, enquanto o medo do próprio desgaste que emerge da experiência existencial do ritmo estonteante da mudança instiga os desejos a serem mais ávidos, e a mudança, mais rapidamente desejada...</b>
P. 136 Decisões/risco	(...). Quanto mais tempo gastar ponderando suas decisões, maior será o risco. A cura para o veneno do "curto-prazismo" na busca do prazer e um prazo mais curto ainda...
P. 137 Crédito e compromisso	De modo curioso, surpreendente, desconcertante, comprar a crédito e a única forma de compromisso a longo prazo que os habitantes do líquido mundo moderno não apenas toleram e defendem, mas assumem com satisfação.
P. 137 Crédito e dividas Se tornaram normas	(...) o principal serviço prestado pela facilidade de acesso ao crédito é simplificar a remoção de coisas não mais necessárias, desejadas e ambicionadas. Reflita um pouco mais e você verá que, quando comprar a crédito e viver em dívida se tornam normas (...).

<p>P. 137 Penetrar na vida consumidor Desejos</p>	<p>(...) eles penetram mais fundo na modalidade da vida de consumidor. Podem acelerar o nascimento de novos desejos e abreviar o tempo entre o nascimento de um desejo e sua satisfação - mas também aceleram a fragilização do desejo e sua substituição pelo ressentimento e a rejeição.</p>
<p>P. 139/140 Desejos livres de espera</p>	<p>(...). Os desejos como prometem os bancos que os emitem fica livres da espera. Mas também (...) livram a remoção do lixo de toda culpa; fazem sumir os tormentos espirituais de uma separação; afastam o perigo de uma permanência não mais bem-vinda em um encontro casual.</p>
<p>P. 140 Beleza/felicidade</p>	<p>A beleza, juntamente com a felicidade, tem sido uma das mais excitantes promessas modernas e um dos ideais que instigam o inquieto espírito moderno.</p>
<p>P. 140 Conceitos modernos</p>	<p>Os conceitos que vieram a tona com maior frequência nos estágios iniciais do debate moderno sobre "o que é belo" foram harmonia, proporção, simetria, ordem e coisas desse tipo (...)</p>
<p>P. 140/141</p>	<p>(...). Perfeição significa que a alteração atingiu seu propósito e agora deve parar.</p>
<p>P. 141 Nada existe depois da beleza vivemos a frente do tempo ideais</p>	<p>Se beleza significa perfeição, e alcançar a perfeição é o objetivo da busca, então, atingida a beleza, nada mais vai acontecer. Nada existe <i>depois</i> da <i>beleza</i>. (...) nós, seres humanos, somos, e não podemos deixar de ser, animais "transgressores" e "transcendentes". Vivemos a frente do presente. (...). O mundo em que vivemos esta sempre um passo, ou um quilômetro, ou um ano-luz a frente do mundo que vivenciamos. A essa parte do mundo que se estende a frente da experiência vivida damos o nome de "ideais".</p>
<p>P. 141 Busca da Beleza Perfeição</p>	<p>Chamamos muitas coisas de "belas", mas não há um só objeto a que atribuímos esse nome do qual não possamos dizer que dispensa ser aperfeiçoado. A "perfeição" é <i>um eterno "ainda não"</i>, algo que esta um ou mais passos à frente, que se pode alcançar, mas não realmente controlar.</p>
<p>P. 142 Sonho da imobilidade Vida</p>	<p>(...). <i>Imobilidade</i> é aquilo de que se ocupam os cemitérios - e, no entanto, paradoxalmente, é o <i>sonho da imobilidade</i> que nos mantém vivos e ocupados. Enquanto o sonho permanecer irrealizado, contamos os dias e os dias contam: existe um propósito, e também uma tarefa inconclusa a realizar...</p>
<p><b>P. 142</b> <b>Ulrich Beck</b> <b>Riso</b> <b>Companheiro</b> <b>indesejável</b></p>	<p>(...). Ulrich Beck, <i>o risco</i>: aquele companheiro (ou seria rastreador?) indesejado, desastrado e irritante, mas também obstinado, atrevido e inseparável, de toda expectativa -um espectro sinistro que assombra os inveterados tomadores de decisões que nós somos. Para nós, como Melucci afirmou energeticamente, "a escolha tornou-se um destino".</p>
<p><b>P. 142</b> <b>Seres</b> <b>humanos</b> <b>obrigados</b> <b>a fazer</b> <b>escolhas</b></p>	<p>(...) os seres humanos são obrigados a fazer escolhas desde que se tornaram humanos. Mas podemos dizer que em nenhuma outra época foi necessário fazer escolhas que nos afetassem de modo tão profundo e com efeitos tão medonhos, todos os dias e sob condições de uma incerteza dolorosa, mas incurável, com propósitos de ação e padrões de conduta que dificilmente duram o tempo necessário para serem atingidos e concluir a ação, sob a ameaça constante de sermos "deixados para trás", (...).</p>
<p>P. 143</p>	<p>(...) "não estarmos a altura das novas exigências" e (horror dos horrores) sermos</p>

<p>Novas Exigências Para participar do jogo Homem tem que fazer escolhas</p>	<p>expulso do jogo. O que separa a atual agonia da escolha dos desconfortos que atormentaram <i>o homo eligens</i>, o "homem que escolhe", em todos os tempos é a angustiante suspeita ou a descoberta dolorosa de que não existem regras claras e confiáveis, objetivos aprovados de validade universal que possam aliviar de todo, ou pelo menos em parte, aqueles que devem fazer escolhas de sua responsabilidade pelas conseqüências adversas (...).</p>
<p><b>P. 144</b> <b>Os selos da vida líquido moderna Não prender-se Abandonar habilidades</b></p>	<p>(...). <b>Não tornar um hábito coisa alguma que se pratique no momento, não estar preso pelo legado do próprio passado, usar a identidade atual como se usa uma camisa que pode ser prontamente trocada quando em desuso ou fora de moda, rejeitar as lições do passado e abandonar antigas habilidades sem inibição nem remorso - estes se tornaram os selos da atual vida líquido-moderna e os atributos da racionalidade correspondente.</b></p>
<p><b>P. 144</b> <b>Esquecimento</b></p>	<p>(...) parece uma <i>cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento</i>.(...), não há espaço para ideais (...) esforço de longo prazo (...).</p>
<p>P. 144 Fim da escolha?</p>	<p>(...). E não há espaço algum para um ideal de perfeição cujo encanto derive da promessa do <i>fim</i> da escolha, da mudança, do aperfeiçoamento.</p>
<p>P. 144 Beleza</p>	<p>(...) a beleza, em seu significado ortodoxo de ideal pelo qual se deve lutar e morrer, parece estar atravessando tempos difíceis.</p>
<p>P. 145 Transitoriedade</p>	<p>(...) da absurda brevidade de todos os feitos humanos e da transitoriedade de seus rastros.</p>
<p>P. 145 Novo e velho Processos instantâneos</p>	<p>A rejeição do novo é de mau gosto, e quem rejeita os riscos se arrisca a ser rejeitado. Mas igualmente incorreta e perigosa é a lealdade ao antigo. E o envelhecimento do novo, antes um longo processo, leva cada vez menos tempo. O "novo" tende a ficar "velho", a ser alcançado e ultrapassado, instantaneamente.</p>
<p>P. 146 Validade universal ???</p>	<p>(...). Os filósofos de hoje também sentiriam falta da “reivindicação de validade universal” que costumava ser vista como um atributo indispensável de qualquer julgamento propriamente estético.</p>
<p>P. 146/147 desaparecimento <b>Valor estético objetivo</b></p>	<p>O valor estético “objetivo”, eterno ou universal do produto é a última coisa com que devemos nos preocupar. Mas a beleza também não está “no olho do observador”. Em vez disso, ela se localiza na moda de hoje, e assim tende a ficar feia no momento em que esta for substituída, como certamente o será em breve.</p>
<p>P. 147 O reinado da beleza ideal moderno</p>	<p>O “reinado da beleza” era aquilo com que sempre sonharam os artistas modernos, assim como os filósofos da estética que refletiam sobre seus trabalhos – ou não era? Então, o que testemunhamos: o triunfo final do belo? A realização de pelo menos um dos muitos projetos modernos ambiciosos?</p>
<p>P. 147 A estética hoje cultivada e distribuída</p>	<p>(...) “A ‘estética’ é hoje cultivada, difundida, distribuída, consumida num mundo esvaziado de trabalhos artísticos”. A arte evaporou numa espécie de “éter estético”, que, tal como o éter dos pioneiros da química moderna, permeia todas as coisas do mesmo modo e não se condensa em nenhuma delas.</p>
<p>P. 148</p>	<p>(...) aquilo que os cemitérios são para os seres humanos, os museus são para a vida</p>

Cemitérios e museus (1)	das artes: locais para onde se removem os objetos não mais considerados vitais e ativos.
P. 148 Cemitérios e museus (2)	(...) cemitérios quanto museus são afastados do burburinho da existência cotidiana, separados das atividades da vida em seus espaços fechados com seus próprios períodos de abertura á visitação.
P. 148 P. 149	(...) fragilidade e transitoriedade são os nomes do jogo. (...). Os objetos e o lixo trocam facilmente de lugar.
P. 149 Estatística e alívio	Só as estatísticas podem oferecer aos espectadores perplexos, perdidos em sua busca por beleza, um alívio para o caos provocado por um estética livremente flutuante, sem objetivos fixos. A salvação está nos números.
P. 149 Mágica/massa	(...) De modo mágico, o fato de as escolhas serem feitas em massa enobrece seu objeto.
P. 149 Beleza e vendas	(...). A beleza está na vendagem elevada, nos recordes de bilheteria, nos discos de platina, nos picos de audiência da TV.
P. 150 Mestres e seus Clássicos	Mestres, cuja reputação, imagina-se, seja prova de choque graças a sua idade venerável e ao numero de testes por que passaram com triunfo no correr dos séculos, não podem ignorar as novas regras do jogo da beleza.
P. 150 Quantidade	(...) a beleza não é uma qualidade de suas telas, mas a qualidade (quantitativamente avaliada) do <i>evento</i> .
P. 150 Valores e consumo instantâneo	A busca pela harmonia definitiva e pela permanência eterna foi redefinida simplesmente como uma preocupação equivocada. Os valores são valores desde que se ajustem ao consumo instantâneo, imediato. São atributos de <i>experiências momentâneas</i> .(...). E a vida consiste numa sucessão de experiências momentâneas.
P. 150 Beleza/limpeza	A beleza, junto com a limpeza e a ordem, "ocupam obviamente uma posição especial entre os requisitos da civilização"
P. 150 Civilização	A idéia de uma civilização que concluiu o esforço de civilizar (...) é tão incongruente quanto a de um vento que não sopra e a de um rio que não flui.
P. 151 Consumidores Sociedade de ...	Somos consumidores numa sociedade de consumidores. A sociedade de consumidores é uma sociedade de mercado. Todos nos encontramos totalmente dentro dele, e ora somos consumidores, ora mercadorias.
P. 152 Vida líquido moderna e os relacionamentos Flúidos	Na vida "moderna tardia" ou "líquido-moderna" os relacionamentos são um assunto ambíguo e tendem a ser os focos de uma ambivalência mais aguda e exasperante: o preço da companhia que todos desejamos com tamanho ardor e invariavelmente a renuncia, ao menos parcial, a independência, não importa o quanto desejaríamos a primeira sem a segunda...
P. 155	(...) no mercado "consumidor-amigo" da "relações humanas".
P. 157	(...). Somos treinados para buscar prazer e esperar soluções mais simples – e

<p>Treinados</p>	<p>consertos mais rápidos.</p>
<p>P. 157 Tememos o abandono, a rejeição, a reprovação</p>	<p>(...). O que todos parecemos temer, sofrendo ou não de “depressão dependente”, à plena luz do dia ou tomados por alucinações noturnas, é o abandono, a exclusão, seremos rejeitados, reprovados, deserdados, largados, despojados daquilo que somos, impedidos de ser o que desejaríamos. Temos medo de nos deixarem sós, indefesos e infelizes. Sem companhia, corações amorosos ou mãos amigas.</p>
<p>P. 159 Inexistência de longo prazo Não há garantias de laços...</p>	<p>(...). E onde não há pensamento a longo prazo, nenhuma expectativa de “vamos nos ver novamente”, dificilmente pode haver um senso de destino compartilhado, um sentimento de irmandade, um impulso de cerrar fileiras, ficar ombro a ombro ou marchar no mesmo passo. (...). Os relacionamentos destacam-se sobretudo pela fragilidade e a superficialidade.</p>
<p><b>P. 160 Episódios</b></p>	<p><b>(...). “os laços episódicos das pequenas interações” que cada vez mais substituem “as conversas e os relacionamentos familiares sistemáticos”.</b></p>
<p>P. 161 Mercadorias Escolhas Descarabilidade Consumidores</p>	<p>(...), as mercadorias encarnam a derradeira falta de razão e a capacidade que as escolhas tem de serem revogáveis, assim como a extrema descartabilidade dos objetos escolhidos. (...), parecem colocar-nos no controle. Somos nós, os consumidores, que traçamos a linha divisória entre o útil e o refugio. Tendo por parceiras as mercadorias, podemos deixar de nos preocupar em terminar na lata de lixo.</p>
<p>P. 161 Pessoas úteis Lata de lixo Sobrevivência é a regra do jogo</p>	<p>(...). Todos nos contam a mesma história: que ninguém, a não ser uns poucos vencedores solitários, é realmente indispensável, que uma pessoa só é útil a outra enquanto puder ser explorada, que a lata de lixo, último destino dos excluídos, é o futuro natural daqueles que não mais se ajustam ou não desejam ser explorados dessa maneira, que sobrevivência é o nome do jogo da convivência humana, e que o derradeiro propósito da sobrevivência é sobreviver aos outros.</p>
<p>P. 162 Big Brother Incluir excluir</p>	<p>O antigo Big Brother estava preocupado em <i>incluir</i> – integrar, colocar as pessoas na linha e mantê-las assim. A preocupação do novo Big Brother é a <i>exclusão</i> – identificar as pessoas “desajustadas” no lugar onde estão, bani-las de lá e deportá-las para o lugar “que é delas” (...), jamais permitir que se aproximem.</p>
<p>P. 163 Não alternativas Ser rejeitado ou não</p>	<p>(...) a única escolha oferecida pelo mundo em que avançamos diariamente a partir de nossas realizações e no qual se tecem as nossas existências é entre ficar na linha e ser rejeitado – entre as jurisdições do primeiro ou do segundo dos dois Big Brothers que presidem conjuntamente o jogo da inclusão obrigatória e da exclusão compulsória.</p>
<p><b>P. 164 Desafios para o novo século Conduzir a vida humana</b></p>	<p><b>(...). No limiar de um novo século, a grande questão para a qual nós, (...), teremos de encontrar uma resposta é se a única escolha aberta aos seres humanos é entre os Big Brothers 1 e 2: se o jogo da inclusão/exclusão é a única maneira pela qual se pode conduzir a vida humana em comum e a única forma concebível que nosso mundo compartilhado pode assumir – receber – como resultado.</b></p>
<p><b>FIM</b></p>	